

NEGRO: O ARCABOUÇO DA NOSSA RAÇA!

José Antônio de Ávila SACRAMENTO

(Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São João d'El-Rey/MG)

"Escravidão! Crueldade! / Usa nosso sangue no melaço dos Engenhos! / Usa nosso leite pra amamentar os ioiôs! / Usa nossos deuses pra afugentar maus empenhos! / E as nossas mulheres para o gozo dos sinhôs": (In Auto do Descobrimento, 1997, Edit. Univ. Est. Santa Cruz - BA)

Penso poder dizer que, no Brasil, o negro foi o arcabouço que afeiçoou a nossa raça. A unidade nacional é também o resultado, juntamente com os nossos fatores religiosos e lingüísticos comuns, de uma dramática invasão negra que, com passividade e brandura de temperamento, possibilitou a dispersão das raças e homogeneização delas e, ainda, a estruturação econômica sobre a qual ainda nos apoiamos. Durante muito tempo foram eles que sustentaram, como vigorosas pilastras, o trono monárquico do país.

O negro permitiu a formação e estabilização das grandes propriedades agrícolas, o desenvolvimento da indústria do açúcar, da mineração do ouro e diamante e, finalmente, da agricultura do café, maiores fontes, sucessivamente, da economia nacional. Não só a sua passividade e bravura contribuíram, mas também o estado adiantado de sua cultura naquela época: na África, o negro já vivia a influência de uma cultura superior, com larga vantagem sobre o índio brasileiro. Eles já faziam culturas regulares, pastoreavam o gado e conheciam os meandros da siderurgia. Foi o negro que introduziu no Brasil o processo de redução do

ferro pelos fornos de cuba, remanescente de alguma herança árabe introduzida no continente africano.

Faltava ao índio brasileiro a elasticidade e o aspecto velutíneo da pele do negro, a riqueza glandular de um aparelho fisiológico especial, capaz de transpirar por todo o corpo e não só pelos sovacos, de transpirar também como se dele todo manasse um óleo, e não apenas escorressem pingos isolados de suor, como do branco. (Eherenreich)

Valdo Frank, citado por Gilberto Freire, explica a afirmação acima dizendo *que havia uma superfície máxima de evaporação no negro e mínima no branco, ampliando-lhe a faculdade de resistência aos trópicos.*

Essa resistência, coitados, lhes foi explorada ao extremo, já na terrível viagem nos navios negreiros - popularmente chamado de tumba (de tumba, sepultura) - onde um dentre cinco escravos embarcados morriam. A citada resistência continuou a ser explorada com trabalhos forçados de sol a sol nas lavouras de cana, minas de ouro e plantações diversas, invariavelmente expostos a castigos infames e ...ao banzo. Rugendas retratou na pintura "Castigos Domésticos" uma cena do cotidiano, em que se pode observar a aplicação de castigos físicos aos escravos. Mais de três mil aquarelas, desenhos e esboços de Johann Moritz Rugendas compõem um magnífico registro visual da sociedade brasileira da primeira metade do século XIX. Os açoites iam de cinquenta a duzentas chibatadas! Muitos não resistiam. A máscara de Flandres, a palmatória, o tronco, os ferros de marcar e outros tipos de suplício eram usados. Havia, como parte da violência, a humilhação, a fome e terríveis condições higiênicas e de moradia.

Quanto ao seu valor específico e ao grau de avanço intelectual, além da criação do gado e trabalho com metais, é mister acrescentar a arte culinária, a agricultura que eles já praticavam racionalmente como a da cana e do milho, sendo que os índios daqui já conheciam o milho, mas só o usavam cozido ou assado, ao passo que os africanos já sabiam moer o fubá e utilizá-lo sob a forma de angu e outros mingaus. Ao indígena os negros ensinaram um pouco da língua portuguesa e até fundamentos de religião.

O antropólogo Roquete Pinto (1884-1954), participante da Missão Rondon (1907/08), observou também que: ... *os movimentos, sertões a dentro ou rio Amazonas acima, de negros fugidos, representam quase arrojo igual ao dos bandeirantes paulistas ou povoadores cearenses.*

O índio parece não ter correspondido muito pois era inimigo do negro. Os Puris, por exemplo, com seu finíssimo olfato, foram empregados pelos *Capitães-do-Mato*, como cheiradores, para descobrir negros fugidos, auxiliados por cães amestrados para tal.

Na agricultura eles introduziram métodos desconhecidos dos próprios portugueses e, para o trabalho em engenhos, os senhores preferiam os escravos de São Tomé, da costa africana, que já trabalhavam secularmente a cana nas suas ilhas de origem. Nas *casas da moenda* espremiam a cana no trapiche, fabricando açúcar, rapadura e aguardente.

Os escravos negros se dividiam em *Boçal* (cativo recém chegado da África), *Ladino* (africano já aculturado) e *Crioulos* (escravos nascidos no Brasil). Servindo aos senhores existiam os *escravos de ganho* que podiam usar paletó e chapéu, mas tinham de andar descalço - sinal da sua condição de escravo.

A nossa dieta vive cheia de alimentos de origem africana: angu, vatapá, o azeite de coco de dendê, o camarão seco, a pimenta, o inhame, chuchu, o gerimum (abóboras diversas como o mogango, marimba, moranga...), o quiabo ou *quingmobô*, etc. A Galinha de Angola, espécie meio selvagem, boa poedeira e de carne saborosa, veio nos navios do tráfico, trazidas pelos negros, e aqui bem se adaptou. O colono português, de boa situação econômica, sempre se servia de um escravo ou escrava para sua cozinha; ainda hoje é grande a fama da boa culinária da Bahia, representada quase em sua totalidade pelas alegres negras baianas. Havia ainda as jovens e belas escravas que, escolhidas a dedo, freqüentavam a intimidade dos seus senhores, contribuindo para a miscigenação da raça. Com os negros veio o *sabão da Costa*, desconhecido dos portugueses, que o desdenhava pois devido a motivos religiosos, eram inimigos irreconciliáveis das qualidades sedativas dos banhos.

Bem mais alegre que o índio, o negro lançou seu espírito rumo às festas profanas e religiosas, enchendo-as de cantos, danças, música e coloridos laçarotes. O nosso samba veio do quizomba, dança angolana

que floresceu do batuque e do lundum, e hoje já é uma expressão típica de nossa música. O amor pela música e pelo canto, que faz de cada brasileiro um cantador de modinhas (expressão genuinamente mestiça!) e de samba, é herança do negro escravo que nos deu gênios de grande talento artístico que espalharam e, até hoje, ainda espalham suas belas obras pelo país. A música deste país deve muito ao negro!

A revista Palavra nº 7, de out. 1999 traz importante referência, que nos faz lembrar que, além de introdutor do samba no país, o negro foi também depositário fiel deste ritmo: *No início era o verbo. Maltrapilho e maltratado, escorraçado das ruas, o samba precisou ser adotado pelos terreiros de umbanda para ter direito a voz. O século 20 mal engatinhava. Valendo-se da ignorância do poder público, incapaz de distinguir a batida da umbanda do batuque do samba amaxixado (...) conquistou espaço subterraneamente, de boca em boca, e se impôs devagar, miudinho, pela identificação que despertava no (pelo menos) um quarto dos negros que habitavam o Rio de Janeiro no início do século. E o que dizer das danças? Cito, para exemplificar, apenas uma das várias manifestações dançantes genuinamente negras: a Capoeira; sua origem oriunda da dança n'golo, ritual de disputa dos povos Bantu, etnias que ocupavam o centro-sul da África. Sobre isto também manifestou a revista Palavra nº 9, de dezembro de 1999:*

Inspirada no movimento de animais (arraia, galo, macaco), recebeu este nome por ser praticada, na sua origem, em locais onde o mato era baixo. (...) "Berimbau bateu, angoleiro me chamou... ". Forjada provavelmente ao longo do século 16, nas senzalas, terreiros e quilombos do Nordeste e do Rio de Janeiro, a Capoeira transcendeu as rodas tradicionais e o contexto social em que nasceu, ganhando novas modalidades e métodos de ensino, e se tornando no decorrer deste século, referência para criadores e pesquisadores de diversas outras formas de arte. Nas últimas décadas, ao encontro de sua origem, a Capoeira tem sido usada amplamente em projetos de cunho social que promovem a autovalorização e a expressão de jovens carentes. Em Belo Horizonte (MG), a constituinte Escolar discute sua integração ao currículo das escolas municipais.

Capistrano de Abreu conta que, em 1610, em Pernambuco, já havia uma banda de música formada só de pretos que tocavam e cantavam com ardor e força uma nota alegre ao lado do português taciturno e do índio sorumbático. Ao português, calado, e ao índio, tristonho, restava então apreciar a suprema arte musical exercitada pelos alegres homens de cor!

James Cooley Fletcher, missionário presbiteriano norte-americano, que viajou pelo Brasil em meados do século XIX, colhendo material etnológico, fala da emoção que sentiu na Fazenda da Soledade, de propriedade do comendador Breves, na província do Rio de Janeiro. Diz ele:

Durante a minha conversa o comendador contou-me que dispunha de banda de música própria. De tal falou modestamente. Mostrei o desejo de conhecer a sua orquestra, certo de que ouviria uma rebeca mal afinada, algum pífano e rude tambor. Disse-me o comendador que à tarde eu seria satisfeito. Uma hora após a bênção ouvi o vibrar dos violinos, o som das netas, a vibração dos trombo-flautas, toque de diversas cornes e os sintomas de começo de alguma marcha, valsa ou polca. Dirigi-me ao quarto de onde vinham os sons; aí encontrei quinze escravos músicos. Um deles sentava-se a um harmonium e havia um coro de negros mais moços por traz de estantes onde se viam folhas de músicas manuscrita ou impressa. Vi respeitável senhor também de côr, dando diversas ordens. Era o regente. Três pancadas do arco de seu violino determinaram o silêncio e então surgiu uma onda sonora - 'à la Julien' - e a orquestra começou a execução de uma profonia de ópera com admirável perícia e precisão. (...) O coro, acompanhado pelos instrumentos, executou uma missa do rito latino. Mal eu podia acreditar no que via. Para experimentar a técnica da banda pedi ao maestro para tocar o 'Stabat Mater'. Instantaneamente me respondeu 'sim senhor', mostrou a página aos músicos, maneou a batuta e logo a plangente e tocante melodia ressoou pelos corredores da Soledade".

A citação me faz lembrar da antiga Vila de São Miguel do Cajuru (São João d'El-Rey/MG), distrito onde nasci, atualmente chamado

(indevidamente) de Arcângelo: havia ali, antigamente, "uma banda só de pretos, de uniforme de gola alta, cujos integrantes tocavam trompas e oficleides (ou oficlides), além de outros instrumentos variados". Observo as que trompas são instrumentos difíceis de tocar... as grandes orquestras procuravam talentos trompistas "à luz de velas"; já o oficleide é um instrumentos muito antigo (serpente de chaves, dado ao seu formato, retorcido e cheio de duras chaves e também difícil de ser tocado). O instrumento é antepassado do nosso atual saxofone. Havia também, em São Miguel do Cajuru, importantes partituras... O que será que foi feito daquele rico acervo? Goteiras, térmitas e ratos provavelmente o consumiram. Aquele sub-burgo era de uma riqueza cultural imensa! Já hoje... tudo vai se acabando...

Nas relações sociais, a brandura cordial do negro introduziu alguns hábitos de grande ternura, como ainda persistia, até bem pouco tempo, entre os matutos do interior de nosso país, principalmente do Rio de Janeiro - os *mocorongos* - que se cumprimentavam com um aperto de mão, seguindo-se de um toque mútuo no ombro direito, finalizando com novo aperto de mão.

E as *amas-de-leite* ou *mães-pretas* que, com seus seios fartos, fazia crescer sadios os filhos dos senhores, que por um motivo ou outro, estavam privados do leite materno da *Siá Dona*? Aqueles meninos deviam conhecer mais o cheiro e o calor dessas escravas que o da própria mãe... eram mulheres que fendiam a sua boa alma escrava e abriam espaço afetivo para os filhos dos senhores, contando-lhes estórias.

Vejo, assim, que o elemento negro agiu e contribuiu eficazmente na estruturação social brasileira, agindo como se fosse uma viga na estabilidade de uma construção, dando linhas e homogeneidade à formação do povo brasileiro. Atualmente o negro ainda está aí, mas preso a um preconceito de cor, esperando por uma *segunda abolição*, procurando pelo eco dos gritos palmarinos de Zumbi, perdido por estes selvagens quilombos urbanos, procurando uma migração para o exercício da cidadania, muitos deles ainda complexados, expostos a outras formas ainda mais perigosas - porque "sutis" - de escravidão, sem poder aproveitar as condições mínimas de ascensão social. Todos os quilombos deixaram inscritos pelos caminhos do Brasil as trilhas da liberdade que precisam ser perseguidas nestes "nossos *quilombos*" atuais.

Já é hora de parar de manter o negro à margem do desenvolvimento de nossa pretensa civilização brasileira, que ele mesmo ajudou a levantar. Quando o Brasil se ajeita para comemorar os seus 500 anos de seu "descobrimento", numa história de avanços e retrocessos, e está, também, procurando uma presença que seja marcante no cenário internacional (na fila dos mais fortes culturalmente, retirando também o pé do atraso sócio-econômico), é preciso fazer o reconhecimento identitário de nossa cultura social e étnica, pela qual o negro, juntamente com as outras raças, contribuiu vultuosamente. O notável Francisco Iglésias, do alto de sua autoridade de conhecedor da História, certa vez observou: "*as grandes datas impõem balanços e projetos.*"

Não estaria, então, na hora de promovermos já esta *segunda abolição*, descobrindo a nós mesmos como povo e nação? É preciso o despertar uma consciência crítica ao nosso povo, ampliando o nosso sonho de sermos todos cidadãos.

Roberto Melo escreveu em "Do racismo cordial ao racismo amedrontado", in DIMENSTEIN, Gilberto. **Aprendiz do futuro - cidadania hoje e amanhã**. São Paulo, Ática, 1997. p. 67.:

Não se trata de comemorar o fim da desigualdade racial. A Democracia Racial brasileira é uma falácia: a desigualdade existe - só que não mais profunda quanto era vinte ou trinta anos atrás.

Neo-racistas do Brasil, relaxem! Os negros querem apenas ser tratados como consumidores. Pedem produtos específicos para sua pele, seu cabelo, seu gosto e sua cultura. Querem ser bem sucedidos, viver com auto-estima. O racismo cordial, aqui se instituiu como uma maneira quase 'preguiçosa' de excluir, se converte em racismo amedrontado. Tomara que seja sua última face. (grifo do autor)

Passamos, então, do racismo **explícito** ao racismo **cordial** e preguiçoso e, daí, ao racismo **amedrontado**.

Tomara que esta seja mesmo a sua *última face*, antes de passarmos ao **racismo zero**...

Assim seja!

FONTES:

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. Vol. II. Dominus: SP, 1965.

FILHO, João Dornas. **A Influência Social do Negro Brasileiro** (citado em fragmento de um antigo jornal desconhecido - sem nome e sem data - antigo e amarelecido) encontrado por acaso, dentro das páginas de uma edição de 1952 do livro *Casa Grande & Senzala* (Gilberto Freyre), adquirido pelo autor num sebo da cidade de Tiradentes - MG, em janeiro de 2000.

Revista **PALAVRA**, Belo Horizonte. Edit. da Palavra e Edit. Gaia, nº 7 e 9, out. e dez./1999, p. 30 e pp. 67-68, respectivamente.